Parte 2 – Facebook: usos no ensino superior e na formação continuada de professores

A cidade-rede como currículo informal: o Facebook, a comunicação ubíqua e as manifestações de rua no Brasil 2013

Rosa Meire Carvalho de Oliveira
Dinamara Garcia Feldens

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, RMC., and FELDENS, DG. A cidade-rede como currículo informal: o Facebook, a comunicação ubíqua e as manifestações de rua no Brasil 2013. In: PORTO, C., and SANTOS, E., eds. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 365-385. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A cidade-rede como currículo informal

o Facebook, a comunicação ubíqua e as manifestações de rua no Brasil 2013

Rosa Meire Carvalho de Oliveira

Dinamara Garcia Feldens

Introdução

Iniciamos este capítulo com a retomada de uma historinha real (OLIVEIRA, 2006. p. 1), contada pela então editora da antiga coluna Netvox da Folha de S. Paulo, a jornalista Maria Ercília, ao narrar em 1998, os primórdios da internet:

Nos idos de 1994 a web era uma cidade do interior, só que no mundo inteiro. Você encontrava pessoas de tudo quanto era lugar, mas eram sempre a mesma meia dúzia. No IRC eram os mesmos cinco ou seis brasileiros, no 'What New' do NCSA (onde a gente ficava sabendo dos novos sites), tinha uns poucos endereços por semana [...].

O testemunho de Maria Ercília nos prepara para a dimensão do que viria a ser a web, que naquele mesmo período de fins dos anos 1990 desencadeou e produziu um de seus principais fenômenos, a blogosfera, a qual tivemos a oportunidade de mapear em uma das primeiras pesquisas sobre blogs no Brasil (OLIVEIRA, 2002). Dali em diante, a chamada web 2.0, com seus princípios e práticas, tendo a web como plataforma de criação, produção e distribuição de conteúdo, não mais parou de crescer, com seus milhares de novos aplicativos e abordagens.

Praticamente 20 anos após o surgimento da *world wide web*, a internet e a web não são mais as mesmas. Em 2011, após conviver com o fenômeno blogger e a explosão no Brasil da rede social Orkut e do You Tube, a web assiste a um crescimento exponencial em outro de seus desdobramentos: o Facebook.

Em fevereiro de 2014 ao completar 10 anos, a rede social agregava 61,2 milhões de usuários no Brasil¹ e em torno de 70% das visitas dos internautas às redes sociais². Sustentou em sua estrutura sem centro, distribuída, o Movimento vem pra Rua, uma série de protestos desencadeados em várias capitais do país, que a rede social ajudou a potencializar, a partir do mês de junho no Brasil. Se por um lado esse movimento produziu muitas perplexidades; por outro nos provoca aqui neste capítulo a buscar compreendê-lo.

Nosso argumento concebe o Movimento vem pra Rua como “Espaço do saber”, no dizer de Lévy (2007), que produz um ethos pedagógico ao ocupar as redes sociais – e também as ruas –, convocando-nos a indagar sobre os processos de territorialização e as linhas de desterritorialização das aprendizagens no sentido do uso

1 Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimasnoticias/entretenimento/2014/02/03/facebook-em-numeros.htm>>. Acesso em 15.mar. 2014.

2 Disponível em: <<http://www.dci.com.br/servicos/facebook-mantem-lideranca-no-ranking-das-redes-sociais-mais-visitadas-pelos-brasileiros-id380591.html>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

e apropriação das tecnologias digitais. Nosso objetivo é analisar a função do currículo informal e dos agentes formais e não formais de educação na ampliação das fronteiras educativas na direção cidades-redes;redes-cidades (OLIVEIRA, 2011), para o qual o Facebook e o Movimento vem pra Rua nos serviram de exemplo.

O Facebook como “espaço do saber”

O Facebook é definido como “um espaço emergente da convergência de meios de comunicação preexistentes, culturas colaborativas e audiências participativas (SUED, 2010, p. 60 e 67 apud SANTAELLA 2013, p. 317). Coincide como representação para o Ciberespaço como ‘Espaço do Saber’, definido por Lévy (2007), como “um quarto espaço a ser ocupado”, para além dos espaços Terra, Território e Mercadoria. “O espaço do saber acolhe metamorfoses topológicas; cada intelectual ou imaginante coletivo nele abre planícies, topos, minas, novos céus. E em cada área se desenvolve uma quantidade de significações, uma maneira de significar” (LÉVY, 2007, p. 146).

O quarto espaço marca assim a representação da estrutura das redes digitais em seu sentido movente, de agenciamentos sociotécnicos e significações, sendo colocado em linha de desterritorialização com os espaços territorializados.

O conceito de território aqui aplicado é inspirado em Deleuze e Guattari (1995), estando também definido no trabalho de Guattari & Rolnik (1996):

[...] o território pode ser relativo tanto a um vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual o sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda

uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

Na noção desenvolvida por Deleuze e Guattari (1995), o território é produto de agenciamentos, sendo a territorialidade uma característica desses agenciamentos. Os dois processos implicam assim em seus movimentos centrípetos e centrífugos, os processos de interioridade (territorialização) ou de campos de fuga (desterritorialização), num contínuo em que se processam constantes reterritorializações (HAESBAERT, 2007).

O movimento vem pra rua

O Movimento vem pra Rua, também conhecido como Jornadas de Junho, teve como base inicial o espaço urbano da cidade de São Paulo, desencadeando ondas de protestos no mês de junho de 2013 contra o aumento da tarifa de transporte. Explodiu nas redes sociais, sendo apropriado de diversas formas por usuários em seus perfis e voltou a reverberar como um bumerangue, no chão de praças e ruas de cidades por todo o país. ‘Saímos do Facebook’, anunciavam cartazes por todo o Brasil e em muitos países dos Estados Unidos, Europa e América Latina nos quais houve protestos em apoio ao movimento no Brasil.

Por outro lado, o Movimento vem pra Rua atravessou o Facebook com uma intensa mobilização de brasileiros na rede social, agregando ao processo a força da participação social no sentido cidades-redes, redes-cidades (OLIVEIRA, 2011). A explosão de protestos e depredações pelo país, que arrastou milhões de manifestantes, terminou por condensar um sem-número de reivindicações em torno do mote dos protestos da capital paulista: “Não é só pelos 20 centavos”.

Os atos públicos pegaram governo e sociedade de surpresa, levando muitos a realizarem comparações, aludindo semelhanças com outros movimentos sociais: o protesto dos ‘Indignados’, na Espanha (2011); a ocupação do Zuccotti Park (2012), pelo Movimento Occupy Wall Street, e com as revoltas contra governos antidemocráticos da chamada Primavera Árabe (2010/2011), sendo os motivos tão diversos a exemplo dos turcos, que em 2013 saíram às ruas contra a derrubada de árvores na Praça Taksim em Instambul e foram violentamente reprimidos pela polícia, processo semelhante ao que aconteceu no Brasil.

Os protestos no Brasil estão incluídos nas estatísticas mundiais que registraram entre 2006 e 2013 um total de 843 movimentos de mesma densidade, a grande maioria, cerca de 90%, de natureza pacífica. Os dados constam do levantamento realizado em 2013 por pesquisadores americanos da Friedrich Ebert Stiftung e da *Initiative for Policy Dialogue*, ligada à Columbia University, ambos de Nova Iorque. Os estudiosos concluíram ter sido este período um dos mais agitados da história mundial, sendo comparado às revoluções de 1848 na Europa, de 1917, na Rússia, e de 1964, em suas lutas por direitos civis e democracia nos Estados Unidos, Europa e na América Latina. A estratégia das manifestações esteve baseada em métodos mais tradicionais, com marchas e comícios, sendo que cerca de 33% dos 656 atos estiveram relacionados a ocupação de ruas, praças e prédios, como se viu no Brasil.

O levantamento concluiu também que 37% das reivindicações em todo o mundo foram atendidas. No Brasil, a diversidade de cartazes nas ruas e de *hashtags*³ nas redes sociais, especialmente Facebook e Twitter, refletiu o grau de insatisfação dos manifestantes

3 Conforme o Wikipédia, *hashtags* são compostos pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#). As *hashtags* viram hiperlinks dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

e a extensão de sua indignação. Cartazes foram vistos reivindicando um sem número de reformas sociais que incluíram transporte, educação e hospitais `padrão FIFA`, por exemplo.

Os manifestos por todo o país promoveram resultados positivos, a exemplo da redução da tarifa de transporte em algumas capitais, a promessa do envio de projeto de reforma política ao Congresso pelo governo da presidente Dilma Rousseff e a queda da PEC 37 na Câmara Federal, que previa a redução do poder do Ministério Público. Em julho, os protestos desaceleraram, levando descrença sobre a sua validade para promover reais transformações no país.

A comunicação e as aprendizagens ubíquas

O processo movente que marcou o Movimento vem pra Rua em sua ação tanto nos espaços informais das cidades – ruas, praças, estações de transporte, alto dos pés de árvore etc – quanto nas redes digitais de informação e comunicação, é aqui compreendido como a ocupação desse novo espaço comunicacional ubíquo, híbrido, caracterizando-se por constantes desterritorializações/reterritorializações das aprendizagens (OLIVEIRA, 2011).

Compreendemos o Movimento vem pra Rua e seus processos de territorialização/desterritorialização/reterritorialização como parte das ideias que os situa na cibercultura e na experiência de novos sistemas de aprendizagem online, tratando-se dessa forma da passagem da ideia de estado formativo, sociedade pedagógica para uma sociedade em rede (CASTELLS 2003, 2004), com os agora chamados sistemas de comunicação e aprendizagens ubíquas (OLIVEIRA, 2011).

É nesse sentido que defendemos ter o Movimento vem pra Rua condensado um *ethos* pedagógico a partir do reconhecimento de que esse movimento civil incorpora reconhecidamente algo de novo em sua estrutura: a comunicação ubíqua, a qual possibilita no campo das aprendizagens a produção de currículos informais no

sentido cidade-rede; rede-cidades e nos coloca frente à compreensão que nos apresenta Tomaz Tadeu da Silva (2007, p.147), de que o currículo “é uma questão de saber, identidade e poder” e que a Educação do ponto de vista da crítica cultural do currículo pode ser apropriada em sua perspectiva cultural.

Concebida no seio dos Estudos Culturais, a ‘Crítica cultural do currículo’ reflete a tendência contemporânea da teoria curricular, implicada na noção de ampliação das fronteiras educativas para além do espaço escolar, revelando maior capilaridade entre diferentes instituições sociais, como Educação e mídia, por exemplo.

Dessa forma, passa a valorizar sistemas alternativos de mediação para além da cultura científica, colocando ênfase em outros sistemas e processos culturais que também ensinam, que também possuem uma pedagogia, e dessa forma, não apenas a escola, como também outros locais de produção semiótica (meios de comunicação, cinema, música, literatura, redes digitais etc) são considerados como inseparáveis na relação cultura e poder (OLIVEIRA, 2011; FELDENS; BORGES, 2010). Para Giroux, “os Estudos Culturais desafiam a suposta inocência ideológica e institucional dos/as educadores/as convencionais ao argumentar que os/as professores/as sempre trabalham e falam no interior de relações históricas e socialmente determinadas de poder” (GIROUX, 2008, p. 86).

Nesse sentido, a política cultural implicada nos discursos da Pedagogia da Cidade é compreendida como textos que produzem subjetividades, verdades, valores. “Quando se pratica pedagogia, age-se com a intenção de se criar experiências que, de determinadas maneiras, irão estruturar e desestruturar uma série de entendimentos de nosso mundo natural e social (GIROUX, 2008, p. 98). A mesma lógica é aplicada à cibercultura, vista como vetor e resultante de uma sociedade globalizada, informacional e estruturada em redes.

Reconhecemos com Santos (1999 p. 21) ser a sociedade humana o ponto de partida para a reconstrução intelectual do

tempo, espaço e mundo como realidades históricas. Essa realização, segundo o autor, “dá-se sobre uma base material: o espaço e seu uso, o tempo e seu uso; a materialidade sob suas diversas formas, as ações e suas diversas feições”. “O meio técnico-científico-informacional é a nova cara do espaço e do tempo”, nos revela Santos (1999, p. 144). Já o Espaço é por ele definido como “o meio, o lugar material da possibilidade dos eventos” (SANTOS, 1999, p.21).

“Assim, é que o Movimento vem pra Rua condensa a perspectiva de que o meio técnico-científico-informacional apresenta-se em seu processo evolutivo, não mais como sinônimo de ‘tecnologias de acesso’⁴ (SANTAELLA, 2010, p. 19), mas como ‘tecnologias de conexão contínuas’, possibilitando a criação daquilo que Castells (2013) denomina de “espaço autônomo”:

Quando falo do espaço público, é o espaço em que se reúne o público, claro. Mas, atualmente, esse espaço é o físico, o urbano, e também o da internet, o ciberespaço. É a conjunção de ambos que cria o espaço autônomo. (CASTELLS, 2013, s/n).

O “espaço autônomo” definido por Castells (2013) relaciona-se dessa forma às mencionadas transformações nas formas contemporâneas de comunicação que têm na mobilidade e ubiquidade os seus principais centros de deslocamento em relação às fases

4 Santaella (2010, p. 19) define “Tecnologias de Acesso” associadas à noção de Ciberespaço e à convergência digital, que permite a conversão numa única linguagem informática todos os tipos de texto, som, voz, imagens e sons armazenados e difundidos em múltiplas redes e ao serviço de múltiplos usos. Já as “Tecnologias de conexão contínua” se constituem em tecnologias de quinta geração, que operam em espaços físicos não contíguos.

anteriores da tecnocultura. Lemos (2007) afirma que cibercidades tornam-se cidades “desplugadas”, criando-se assim por meio de acesso às redes telemáticas sem fio, zonas de conexão permanentes, ubíquas, as quais denomina de “territórios informacionais” ou no dizer de Souza e Silva (2006, p. 28), de “espaços híbridos”⁵.

Cultura participativa

Se a partilha foi o movimento que mais caracterizou e representou a blogosfera como fenômeno de expressão de subjetividades na rede (OLIVEIRA, 2002), o Facebook, também demonstra suas especificidades. Dentre elas, o que mais nos chama a atenção, conforme nos lembra Santaella (2013), são o fato de ser uma interface “simples de usar” e do design construído priorizar a ‘autorreferencialidade’, orientando para que os usuários falem de si mesmos e construam o que Sued (2010) identificou como a “narrativa multimídia e instantânea sobre suas próprias vidas presentes e passadas”, apresentadas através dos perfis (SUED 2010 apud SANTAELLA, 2013, p. 318).

E é exatamente essa especificidade caracterizada pela simplicidade das interfaces e autorreferencialidade das narrativas que vai orientar em nosso entender a explosão da cultura participativa que notabilizou o Movimento vem pra Rua no Facebook e de resto nas chamadas redes sociais, definidas “pela interação entre os indivíduos” (PRIMO, 2007, p. 5). Nada muito diferente daquilo que já assistimos no fenômeno da blogosfera, cuja simplificação das interfaces permitiu o crescimento exponencial dos blogs e da participação na rede (OLIVEIRA, 2002, 2005), fomentado pelo seu sistema

5 Conforme Souza e Silva (2006, p. 28), “um espaço híbrido ocorre quando não mais se precisa “sair” do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais”.

de agregação via *links*, comentários e sindicalização por meio de *feeds* RSS⁶ (agregadores).

Na sua arquitetura, o Facebook incentiva o usuário a ver e prestar atenção no que seus amigos fazem, pensam, dizem, querem e sentem. É possível, inclusive, compartilhar e disseminar essas informações. Nesse ambiente o usuário nunca está só. Seu perfil é um lugar social entre seus amigos, de modo que as identidades são construídas na soma das interações com os outros. A arquitetura permite que estes se façam presentes de vários modos, nas opções, curtir comentar etc. (SANTAELLA, 2013, p. 319).

Malini (2013) lembra que nas redes sociais o papel de potencialização do que é postado nos perfis dos usuários cabe ao Outro:

A força que cria a posição política não deriva de um desejo de perfil, mas de como este é apropriado pela rede. “É o outro que cria a perspectiva”. A centralidade de autovetor é um modo de compreender a posição de um perfil e sua relação com outros espaços da rede. Quanto mais relações com outras subredes, mais centralidade de autovetor possui um dado perfil, ou seja, mais força é atraída por ele. Central é aquele que consegue atrair uma intensidade de relações. (MALINI, 2013, s/n).

6 Na prática, a tecnologia permite aos usuários da internet se inscreverem em sites que fornecem “feeds” RSS, que permitem ao utilizador receber conteúdo atualizado do site sindicalizado, sem precisar visitá-los um a um”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rss>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

Nesse sentido, o pesquisador cita o exemplo da agregação de outra rede social, o Twitter, oportunidade em que registrou durante o Movimento vem pra Rua os dez perfis que fizeram a diferença nos protestos pela internet contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo: “@estadao, @silvanabit, @marcelorubens, @pecesi-queira, @jeanwyllis_real, @leorossatto, @choracuica, @gaiapassarelli, @g1 e @tavasconcellos” (idem).

Dentre os dados que chamam a atenção nas análises de Malini (2013), está a presença dos formadores de opinião acima citados, refletindo a emergência de perfis de grande popularidade. Um único tweet de @Silvanabit foi republicado 706 vezes, quando dizia: “Seis repórteres de um único jornal feridos em manifestação contra a tarifa de ônibus. Nem entre correspondentes de guerra isso acontece” (Malini, 2013, s/n).

Por outro lado, a rede também foi marcada pelo papel dos perfis sem grande popularidade, os “nós pobres”, mas conforme Malini (2013), “com capacidade de afirmar algo que se espalha na rede, capaz de construir uma perspectiva de muitos (sem que, com isso, se reverta em aumento de seguidores e popularidade para o autor da mensagem original)”. Este foi o caso de quatro mensagens assinadas por @LeoRossatto, @choracuica, @gaiapassarelli, @tativasconcelos: RT @tativasconcelos, que, segundo Malini (2013) registraram juntas o maior número de republicações, algo em torno de 1 mil:

- “A tarifa virou a menor das questões agora. Os próximos protestos precisam ser, antes de tudo, pela liberdade de protestar.” (@LeoRossatto).
- “Não é mais sobre a tarifa. foda-se a tarifa. isso ficou muito maior que a questão da tarifa.” (@choracuica)
- “Há algo grande acontecendo e é menos sobre aumento de tarifa e mais sobre tomar posição. todo mundo deveria prestar atenção”.

- @tavasconcellos: “RT @tavasconcellos: não é mais uma discussão sobre tarifa. transporte. baderna. sobre nada disso. é sobre o direito de se manifestar por qualquer causa”. (@gaiapass.

A desterritorialização/reterritorialização das aprendizagens

O impacto das mobilizações de rua nas redes sociais e destas nas ruas das cidades de todo o país, funcionou como uma espécie de *ethos* pedagógico produzido pelas ações dos manifestantes, que ao mesmo tempo em que participavam dos protestos, as resignificavam, em processo de desterritorialização e reterritorialização das aprendizagens: “A força da organização nas redes sociais (principalmente o Facebook) foi fundamental para a mobilização e realização dos atos. De qualquer maneira, certamente a grande repercussão dos protestos no país inteiro, transmitidos pela TV, também foi essencial para motivar a participação popular” (TEIXEIRA, 2013⁷).

Esse dado é também observado por Malini (2013), ao afirmar que o movimento se ‘viralizou’⁸ no Facebook, quando teve no ‘Terceiro ato contra o aumento das passagens’ 28 mil perfis confirmados no Facebook, site que o pesquisador afirma ser padrão para relacionamentos sociais no país:

Para dar força a um acontecimento, a regra do convívio dos “faces” no Brasil é bem simples: posso não ir, mas confirmo presença. A dinâmica do Facebook ilustra curiosamente

7 BLOGUEIROS revelam várias caras e causas de protestos, BBC Brasil. Disponível em URL://<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130626_palanque_novo_protestos_bg.shtml>. Acesso em: 15 mar.2014.

8 “Termo usual da internet que designa a ação de fazer com que algo se espalhe rapidamente, semelhante ao efeito viral” (Dicionário informal. Disponível em URL://<<http://www.dicionarioinformal.com.br/viralizar/>>. Acesso em: 15 mar. 2014

a articulação rua e rede. Há aqueles que estão presente na primeira; há aqueles que estão na segunda. Os primeiros enunciam; Os segundos anunciam. Os primeiros, de dentro da mobilização, relatam. Os segundos, de dentro da rede, espalham e comovem. (MALINI, 2013, s/n).

Os processos de territorialização das ações do Movimento vem pra Rua centradas primeiramente no espaço público das cidades, reterritorializam-se, ganhando força também pelo uso e apropriação das tecnologias móveis usadas no compartilhamento das informações nas redes sociais. As ações que envolviam o movimento, como passeatas, protestos, depredações, atos de vandalismos ganhavam as redes sociais em tempo real, potencializando as emoções. É o que também observa Castells (2013):

O que muda atualmente é que os cidadãos têm um instrumento próprio de informação, auto-organização e automobilização que não existia [...]. Mas, agora, a capacidade de auto-organização é espontânea. Isso é novo e isso são as redes sociais. E o virtual sempre acaba no espaço público. Essa é a novidade. Sem depender das organizações, a sociedade tem a capacidade de se organizar, debater e intervir no espaço público. (CASTELLS, 2013, s/n).

Realizando um comparativo com o movimento de Seattle (1999), Estados Unidos, que demarca novo ciclo de protestos e mobilizações sociais, Malini (2013), revela que uma nova forma de organização denominada *Swarming* ali surgia: O “enxameamento” social, segundo o autor, “sem lideranças, mas com inúmeros

porta-vozes e coordenadores”. Dentre as estratégias, o ato de “upar” – ou seja, de postar na internet – os conteúdos da violência policial que chocaram o mundo. No Brasil não foi diferente.

A emoção sai das ruas, ao vivo de um telefone celular, para entrar nas timelines dos perfis de redes sociais, que espalham e mencionam esse conteúdo, afetando milhares de outros nós, que se encorajam a estar nas ruas e, ocupando-as, sobem e vazam material para rede e, assim, a comoção vai se compartilhando, e a ação de rua ganha musculatura política. Um protesto no Rio comove São Paulo, que comove Vitória, que comove Belo Horizonte, que comove Manaus e assim sucessivamente. (MALINI, 2013, s/n).

A BBC (British Broadcasting Corporation) Brasil⁹, realizou durante o Movimento vem pra Rua uma experiência de campo quando destacou correspondentes em seis cidades do país para acompanhar os protestos. Jovens jornalistas e líderes sociais participaram da ação, que resultou em depoimentos publicados em seu portal de notícias, que nos dão uma ideia do *ethos* educativo gerado pelo ato participativo dos brasileiros, tanto nas ruas quanto nas redes sociais, como demonstram estes depoimentos dos correspondentes:

- Thamyra [jornalista da favela do Complexo do Alemão e integrante do coletivo OcupaALEMÃO – nota do autor] resume o espírito da juventude: ‘Estamos numa disputa de cidade e de discurso. Se a gente não aproveitar o ‘bonde’ e

9 Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130626_palanque_novo_protestos_bg.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2014.

entrar agora, vamos entrar quando? Até quando a juventude de favela vai estar fora do debate da cidade, da cidadania, dos direitos?” (Raika Julie e Silvana Bahia, *correspondentes no Rio de Janeiro, integrantes do projeto Clique Observatório de Favelas, uma organização que faz pesquisas, consultorias e ações públicas sobre as favelas e fenômenos urbanos*).

- “Essa manifestação tem sido pedagógica, os movimentos sociais ainda são um pouco afastados e, sem querer, todos estão começando a interagir mais para entender melhor o que está acontecendo (Romário Régis, *correspondente em São Gonçalo (RJ), líder social*).
- “Se antes a luta era erguida por movimentos de base, como as Centrais Eclesiásticas de Bases e os sindicatos, agora são os grupos culturais que iniciam as reivindicações. (Jéssica Moreira, *correspondente, integrante do Clique Mural, blog coletivo formado por repórteres da periferia de São Paulo e hospedado na Folha.com*).

Em relação às manifestações no Brasil, Malini (2013, s/n) as vê como um processo insurgente que vinha ocorrendo por meio de bandeiras diversas de ações situadas em muitos pontos do país. “Os protestos no Brasil não aconteceram do nada. Demonstravam-se, no país inteiro, micro revoltas locais e fortemente conectadas [...]. Agora toda luta local é nacional. E vice-versa. E em rede”.

O detalhe, conforme o pesquisador, é que “a resistência estava em todos os lugares e em nenhum ao mesmo tempo”. Malini (2013) registrou, por exemplo, importantes indicadores de participação nas redes sociais e a alta temperatura do movimento. Encontrou no twitter 30 mil hastags com o termo “tarifa” e identificou outros 900 mil tweets entre os dias 15 de junho e 9 de julho. “Mudou também a maneira de estarmos no protesto. Agora é preciso estar na rua e nas redes” (MALINI, 2013, s/n).

À guisa de conclusão – lições do movimento vem pra rua

As análises das Jornadas de Junho no Brasil realizadas no calor das manifestações deixaram claro que governo e sociedade tinham sido pegas de surpresa pelo vigor e extensão dos atos desencadeados por todo o país, reverberados nas redes sociais e dessas, especialmente, do Facebook para as ruas. Compreendemos ser de grande relevância a capacidade de organização dos manifestantes no sentido cidade-rede, rede-cidade, que superaram os limites de espaço e de tempo, colocando o Movimento vem pra Rua em termos de importância, já comparável a outros movimentos civis, como as Diretas Já (1983/84) e os Caras Pintadas (1992), que marcaram por seus desdobramentos a recente história do país.

Da perspectiva educacional e cultural, as manifestações de rua no Brasil ocorridas em junho de 2013 nos provoca a refletir sobre a constituição desse novo ‘Espaço do Saber’ (LÉVY, 2007), que estrutura as novas formas de sociabilidade. “O espaço do saber deve ser reconhecido como uma virtualidade, uma recursividade em potência, cabendo aos homens com suas inteligências coletivas, fazê-lo realizar”, diz Lévy (2007, p. 120).

Enquanto currículo informal, da perspectiva cultural o Movimento vem pra Rua aponta para o potencial de educabilidade das cidades e das redes como promotoras de um *ethos* educativo, para o qual em sua constituição ubíqua as manifestações nos serviram de exemplo.

Por outro lado, como agente para o ‘aprender da cidade’ – a cidade como agente informal e incidental de educação (TRILLA, 1997, p. 17), o ‘Movimento vem pra rua’ deixa-nos como aprendizagens os diversos modos de praticar e exercer a cidadania direta e ativa nas ruas e/ou nas redes e nos encarrega das possibilidades dos usos e apropriações das tecnologias digitais.

As manifestações no território urbano das cidades e nos espaços de fluxo das redes que assistimos com as Jornadas de Junho constituem-se como currículo vivo, que reclamam políticas culturais que

incluam agentes educativos também formais como parte intrínseca desse processo, uma vez que a relação educação-território, em suas formas de ocupação de espaços de redes sociais como o Facebook, são compreendidas como parte inerente do poder.

Nesse caso, o alargamento das fronteiras das aprendizagens e da incorporação do currículo informal¹⁰ na direção do uso e apropriação de redes virtuais, está diretamente relacionada à ocupação dos ‘Espaços do Saber’ (LÉVY, 2007) e associada ao saber-fazer (DELORS, 1996) também dos agentes educativos formais, os professores, que ainda permanecem em sua maioria alijados do processo, conforme atestam estudos da Fundação Victor Civita (2010)¹¹.

É preciso encarar o fato de que as tecnologias digitais ainda são um território não apropriado por professores e que estes em sua grande maioria não se sentem “em casa”, como nos ensinam Guattari & Rolnik (1996). É nesse sentido que Castells (2003, p. 44-45) nos diz que a habilidade/inabilidade de as sociedades dominarem as tecnologias traçam seus destinos. “O movimento escolar acontece e transcende seu espaço, seus sentidos. Ressoa na política, nas vidas cotidianas, no lazer e nos diferentes ambientes” (FELDENS; BORGES, 2010).

10 Gohn (2006, p. 29) define educação informal como “aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados”. Segundo a autora, “opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados”.

11 O estudo denominado ‘O uso dos computadores e da internet nas escolas públicas de capitais brasileiras’, realizado em 400 escolas, constatou por exemplo, que 86% dos professores têm baixa formação para as tecnologias digitais de informação e comunicação; 64% têm baixa participação em redes sociais e em seus perfis, usam o computador apenas para fins administrativos e pedagógicos (92%).

É necessário que aprendamos com as lições oferecidas pelo Movimento vem pra Rua, ao permitir a professores recuperar a cultura e as suas potencialidades de inserção, garantindo-lhes conforme afirma Pretto (2006, p.3), “conectividade, acesso e currículo hipertextual”. E além de tudo, a possibilidade de construção de um autodiscurso em relação àquilo que as escolas, hoje descaracterizadas em sua função educativa, deveriam ser.

Referências

BLOGUEIROS revelam várias caras e causas de protestos. **BBC Brasil**, São Paulo, 27 jun. 2013 Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130626_palanque_novo_protestos_bg.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2014

CASTELLS, M. **Manuel Castells analisa as manifestações em São Paulo**. Disponível em: <<http://www.fronteras.com/canalfronteras/entrevistas/?16%2C68>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

CASTELLS, M. Manuel. **A sociedade em rede** – a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CASTELLS, M. Manuel. **A Galáxia da Internet** – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1995.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

FELDENS, Dinamara Garcia; BORGES, Fabrícia Teixeira. Entre experiências e compreensões: cartografias da formação de professores. In: 33ª Reunial Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Anped, 2010, Caxambu/MG. **Anais da 33ª Reunial Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Anped**, 2010, p.1-12.

FOLHA.UOL. **Blogueiros revelam várias caras e causas de protestos**. Disponível em: < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130626_palanque_novo_protestos_bg.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2014

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. **Uso dos computadores e da internet nas escolas públicas de capitais brasileiras**. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro: IBOPE/Fundação Victor Civita, 2010. Disponível em: <www.fvc.org.br/>. Acesso em: 10 mar. 2011.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Alienígenas em Sala de Aula**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.85-103.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.508, jan./mar. 2006, p. 27-3.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim do território à multiterritorialidade. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

LE MOS, André. Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, n.1, outubro 2007, p.121-137. Disponível em: <<http://www.andrelemos.info/artigos/Media1AndreLemos.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2010.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MALINI, Fábio. **A Batalha do Vinagre**: por que o #protestoSP não teve uma, mas muitas hashtags? Disponível em: <<http://www.labic.net/cartografia-das-controversias/a-batalha-do-vinagre-por-que-o-protestosp-nao-teve-uma-mas-muitas-hashtags/>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **As novas geografias das culturas, conhecimentos e aprendizagens**: ampliando relações entre o território escolar, cidades e redes digitais de informação e comunicação. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, 2011, 241f.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Cyberfeminismo x feminismo**: O que as mulheres fizeram com os blogs da web. Disponível em: <https://www.academia.edu/4380861/Cyberfeminismo_x_Feminismo_O_que_as_mulheres_fizeram_com_os_blogs_da_web>. Acesso em: 11 mar. 2014.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **De onda em onda**: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces, 2004. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt-pag-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.html>>. Acesso em: 20 out. 2004.

ORTIZ, Isabel; BURKE, Sara; BERRADA, Mohamed; CORTÉS, Hernán. **World Protests 2006-2013**. New York: Friedrich Ebert Stiftung, 2013. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/sp-no-diva/files/2014/02/World_Protests_2006-2013-Final.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2014.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós** (Brasília), v.9, 2007, p.1-21.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua**: Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. A Aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP**, v. 2, n.1 (7 outubro 2010). Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/download/3852/2515>>. Acesso em: 27 nov. 2010.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. Globalização e meio-técnico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Adriana de Silva. Do Ciber ao Híbrido: Tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. In: ARAÚJO, Denize Correa (Org.). **Imagem (Ir)realidade: Comunicação e Cibernídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p.21-51.